

Os brincantes de Lucas e histórias de um boi migrante

*Luciana Gonçalves de Carvalho **

Narrativas migrantes

Diferentes expressões populares aludindo ao tema de perda e recuperação de um novilho precioso espalham-se por quase toda parte do Brasil, como variantes de um mesmo ciclo mítico do boi que aparece incorporado em muitas histórias, músicas, danças e performances dramáticas pelo país afora¹: boi calemba no Rio Grande do Norte, boi pintadinho no Rio de Janeiro, boi bumbá no Pará e Amazonas, boi-de-mamão em Santa Catarina, boi-de-reis no Espírito Santo, cavalo-marinho em Pernambuco e bumba-meu-boi no Maranhão. Realizações singulares de um conjunto amplo de manifestações em que a figura de um boi – uma representação plástica do animal, mais ou menos realista, confeccionada artesanalmente – contracena com homens e mulheres nos papéis de cantadores, vaqueiros, índios, palhaços, escravos, fazendeiros e outros, essas expressões conjugam modalidades distintas de canto, toque, dança, teatro, narrativa e jogo. Frequentemente associadas a crenças e sentimentos religiosos, não perdem, contudo, o caráter lúdico que seus praticantes lhes reservam e denunciam, ao tratá-las preferencialmente como brincadeiras, e a si próprios como brincantes.

Suas origens históricas são

controvertidas e pouco se pode afirmar sobre os processos de formação das várias brincadeiras de boi que hoje se encontram no Brasil. Alguns estudiosos tomam-nas como desdobramentos particulares de um fato cultural supostamente universal: a existência, em vários países do mundo, de uma dança onde dançarinos gravitam ao redor da figura de um boi (Azevedo Neto, 1997). Já outros localizam suas origens na segunda metade do século 17, associando-as ao ciclo de expansão do gado pelo sertão brasileiro (Marques, 1999; Reis, 2000). De acordo com essa tese, o deslocamento do gado bovino do litoral para o interior do país teria promovido o florescimento de uma cultura regional centrada num complexo mítico e ritual construído em torno do boi e do vaqueiro. Assim, os atuais festejos do boi teriam tido especificamente no Nordeste seu pólo de formação e desenvolvimento (Câmara Cascudo, 2000b). Ao mesmo tempo, aí teriam proliferado práticas narrativas e performáticas de inspiração cômica, principalmente entre os segmentos mais oprimidos da sociedade escravista colonial, os quais, servindo-se da brincadeira como um meio privilegiado de comunicação, fizeram do boi um agente de crítica social explícita ou implicitamente dirigida aos poderosos e dominantes (Marques, 1999).

Das diversas práticas orais associadas às brincadeiras do boi desde então destaca-se a que se consagrou chamar de “auto do boi”. Em linhas gerais, trata-se da dramatização do tema de morte e ressurreição do novilho querido do patrão, vitimado pelo escravo Pai Francisco a fim de satisfazer o desejo de Mãe Catirina, que, grávida, quisera comer a língua do animal. No relato o casal de escravos é perseguido e capturado por vaqueiros e índios, a mando do dono da fazenda, e é forçado então, para não perder a própria vida, a ressuscitar o boi, para o que conta com o auxílio de doutores e pajés. Nessa aventura os escravos apresentam-se como personagens grotescos e divertidos, que pregam muitas peças no patrão e em seus algozes, constituindo, apesar da tragédia que vivem, o núcleo cômico da brincadeira.

Embora não se possa atribuir a essa trama valores como originalidade e autenticidade, ou qualquer antecedência histórica sobre outras versões do drama de perda e restituição do animal mítico, ela tem sido frequentemente relacionada, tanto por pesquisadores quanto por sujeitos ligados às diversas brincadeiras do boi no Brasil, à idéia de tradição. No universo do bumba-meu-boi maranhense, sobre o qual tratarei mais especificamente, não é diferente. Entretanto, observa-se que no

Maranhão essa narrativa dá origem ou liga-se a outras tantas histórias dramatizadas, localmente conhecidas como “matanças”, “comédias”, “palhaçadas”, “mortes de terreiro” ou “mortes de levantar”, aludindo a fatos os mais variados possíveis, mas quase sempre relacionados ao sumiço ou à morte, seguidos de restituição ou ressurreição do boi.

Em Viana, a 450 km de distância da capital São Luís, e em outros municípios da Baixada Maranhense são comuns os grupos de bumba-boi que encenam a morte do boi, a “matança de matar mesmo”, numa celebração em que a destruição do brinquedo, realizada por personagens de cazumbas² e/ou pais franciscos ou palhaços, faz-se acompanhar de partilha e leilão – cantado em verso – dos pedaços da “carne” – a armação, geralmente feita de madeiras leves e papelão – do animal entre brincantes e espectadores. Nessas ocasiões, ao contrário do que ocorre nas “mortes de terreiro” ou “de levantar”, o boi não volta a brincar, tendo tais cerimônias o caráter de encerramento do ciclo festivo da brincadeira.

Na Baixada, assim como em quase todas as regiões do Estado do Maranhão, o bumba-meu-boi é um elemento poderoso de aglutinação social e fonte riquíssima de significação simbólica, não só para os brincantes mais ativos, mas para diversos grupos e segmentos sociais que, de uma forma ou de outra, acompanham a brincadeira em suas localidades. Signo da identidade e da cultura maranhense, o boi – aqui, amplamente entendido como a brincadeira, o brinquedo e o conjunto organizado de brincantes – atua como mediador entre os homens no mundo terreno – em suas redes de parentesco, vizinhança, compadrio, bem como em seus vínculos políticos e patronais – e entre os homens e outros sujeitos

sociais – no plano dos santos, encantados, antepassados e demais entidades para as quais se brinca, como forma de homenagem ou pagamento de promessas. Nesse sentido, o boi é especialmente importante para os maranhenses na medida em que tematiza relações, organiza discursos e comportamentos, medeia conflitos, fixa memórias e histórias de vida, constrói, enfim, identidades individuais e coletivas (Carvalho, 2002).

Não por acaso, tem-se assistido, especialmente a partir da década de 1980, à multiplicação de grupos de bumba-boi em comunidades e colônias maranhenses localizadas em grandes centros como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. Os processos de industrialização e urbanização que arrastaram imensas levas de nordestinos para essas cidades desde os anos 1960, fizeram-se acompanhar de intensas trocas culturais entre nativos e migrantes, resultando, por parte destes últimos, na recriação e reinterpretação, em novos contextos e diante de novos atores sociais, de práticas culturais associadas a identidades e a estilos de vida mantidos em seus locais de origem³.

A trajetória do Bumba-meu-boi Brilho de Lucas na cidade do Rio de Janeiro, assim como as de seus similares Bumba-boi Brilho da Noite, em São Paulo, e Boi de Teodoro, em Brasília, inscreve-se nesses processos de gestação de formas culturais tradicionais fora de seus contextos originais⁴. Boi “carioca” do bairro de Parada de Lucas, criado por maranhenses da cidade de Viana que nunca “brincaram boi” na terra natal, esse brinquedo estabelece, entre outros, um elo simbólico de identificação e pertencimento entre os migrantes que o inventaram e o estado de onde saíram. Entre os diversos elementos de ligação com o Maranhão

que são acionados no âmbito da brincadeira – expressos na música, dança, culinária e no artesanato típicos, por exemplo – destacam-se práticas de rememoração e atualização do mito de perda e restituição do boi. É sobre essas práticas que se arriscam os comentários a seguir⁵.

A migração dos homens e do boi

A gente vai fazer uma brincadeira pra lembrar dos tempos...

Tudo começou por volta de 1975. Primeiro vieram de Viana para São Gonçalo, então no Município de Niterói, os filhos mais velhos da família Rosa Castro, entre os quais José e Luiz, a fim de trabalhar numa empresa importadora localizada na cidade do Rio de Janeiro. Em seguida chegaram seus primos Silva Costa, já rapazes, atraídos por oportunidades de trabalho nessa e em outras empresas. Uma vez estabelecidos no subúrbio de Parada de Lucas, um dos muitos bairros populares cortados pela Estrada de Ferro Leopoldina e pela Avenida Brasil, Ademar Costa (49) e seus irmãos começaram a trazer para o Rio as irmãs moças, as crianças, entre as quais Orlando (35), então com doze anos, e, por último, os pais.

O papai trabalhava em olaria, fazendo telha e tijolo, e pescava. E mamãe era dona de casa, do lar. Tinha uma outra atividade que desenvolvia na época, eu me lembro bem, que eu era pequeno e fazia parte também. Eles compravam miúdos do boi, limpava e revendiam. O papai também na profissão de pescador, os filhos tinham essa responsabilidade de vender. Todos nós tínhamos uma pretensão de vir pro Rio. Porque quando meu irmão mais velho veio pro Rio, ele mandava carta nos falando das maravilhas que era o Rio de

Janeiro. E, naturalmente, isso nos atraía. (Orlando Silva Costa)

O mesmo movimento migratório ocorreu entre os Rosa Castro e, assim, em menos de dez anos as duas famílias, divididas em Viana, se recompuseram novamente no Rio de Janeiro, recriando e fortalecendo os laços de parentesco e afinidade. Por outro lado, à medida que os parentes consolidavam papéis e relações sociais recém-adquiridos, o Maranhão ia ficando, de certa forma, cada vez mais distante de seu mundo cotidiano. Apesar das compensações de viver no Rio, certas memórias da terra natal inspiravam desejos de vivências e experiências que o novo local de moradia não podia oferecer.

De repente, era uma família grande: Rosa Castro são 12 filhos, simplesmente 12. Eles [os Silva Costa], 11. E começaram a vir. Descobrimos que poderíamos estudar aqui, ter a

oportunidade de trabalhar e estudar tranqüilamente. Lá a gente poderia estudar também, mas não tem o campo de trabalho, a oportunidade de trabalho. Mas começamos a perceber, como a gente trabalhava, que não tínhamos condições de largar o trabalho pra ir, justamente no mês de junho, participar de uma festa junina de bumba-meu-boi no Maranhão. Até porque, assalariado mesmo não tinha condição de ir e voltar a tempo pra trabalhar. E se um vai, os outros não vão. E aí, como é que fica? Surgiu a idéia do Almir: vamos fazer uma brincadeira aqui, só pra gente?(Luiz Rosa Castro)

No Maranhão, nenhum dos primos jamais tinha brincado em bumba-meu-boi. Moradores da cidade, seus pais não permitiam que freqüentassem os festejos do boi, porque os achavam perigosos: “era festa de sair pra roça,

tinha briga”, lembra Luiz. Quando muito, já adolescentes, conseguiam burlar a vigilância da família e fugir até algum povoado para participar das brincadeiras, mas apenas como espectadores. “Mas isso tá na veia, tá no sangue”, acredita Orlando, justificando a iniciativa do irmão Almir, o criador do boi no Rio de Janeiro.

O Almir, em 1982, fez uma miniatura, um boi de aproximadamente 30 cm. E aí começou aquela brincadeira de fundo de quintal, foi ganhando proporção... Nessa brincadeira, inicialmente era o boi e alguém batucando com instrumento de percussão: um pandeiro, marcação e tal. E essa coisa foi ganhando proporção, o boi foi ganhando forma.

Os encontros do recém-formado Brilho de Lucas ocorriam sempre aos sábados, nos fundos da casa dos Silva Costa, no bairro que deu nome ao boi,

Grupo Folclórico Bumba-meu-boi Brilho de Lucas

Foto: Celso Pereira



e reuniam apenas parentes, amigos maranhenses e alguns vizinhos. As mulheres assavam bolos de tapioca para a turma comer com café e preparavam peixes para saborear com farinha d'água, vinda diretamente das roças do Maranhão. Os mais interessados em "brincar o boi" propriamente dito punham-se a escutar discos de bois famosos de São Luís, trazidos por quem vinha de lá. Atentos principalmente às toadas dos bois que praticavam o sotaque da Baixada⁶, iam aperfeiçoando seu batuque vianense – "eu acredito que isso estava adormecido na cabeça da gente, estava na intuição", diz Orlando –, mas não se preocupavam ainda em usar a indumentária e os apetrechos tradicionais da brincadeira – "era mais fazer um batuque e ensaiar uns passinhos". O próprio brinquedo, em tamanho miniatura para ser movimentado com as mãos, não correspondia ao que usualmente é praticado no Maranhão, onde as armações dos bois medem até mais de um metro de comprimento e abrigam debaixo de si o "miolo", brincante que, de corpo inteiro agachado, lhe dá os movimentos de dança. Enfim, à época de seu nascimento, mais do que um brinquedo que pretendesse reproduzir à risca as tradições maranhenses, o Boi Brilho de Lucas era de fato um bom pretexto para os migrantes se reverem, compartilharem lembranças de Viana e criarem uma espécie de território cultural comum no Rio de Janeiro.

Aí o que acontece? Os maranhenses, a família ligando pros amigos, os amigos maranhenses chegando pra nossa festa... Foi uma coisa espontânea. Como é que isso ganhou forma? Os maranhenses trabalhando aqui, sem dinheiro pra poder ir na época de São João, porque o grande barato é lá, aquela atmosfera, respira-se bumba-boi. Essas pessoas, por não terem condições financeiras de ir pra lá, ou até mesmo por não

conseguirem conciliar período de férias, foram se aproximando do nosso grupo. Em 1987 o boi se tornou um boi adulto. Aí já fizemos um boi maior. E esse boi então saiu de quintal pra primeira apresentação na rua.

À medida que atraía novos participantes, o boi foi assumindo uma organização mais formal, embora não tenha chegado a criar personalidade jurídica, como normalmente ocorre com seus similares no Maranhão. Aos poucos ampliou seu repertório musical, com a aquisição de instrumentos percussivos comuns nos bois da Baixada Maranhense – maracás, pandeirões, matracas – e com a substituição das toadas lançadas em São Luís por composições feitas por membros do próprio grupo. Ao mesmo tempo, os líderes da turma investiram na confecção de "fantasias"⁷, o que no Maranhão chama-se "farda" ou "(a)preparo", isto é, roupas e acessórios próprios para cada personagem: rajados, vaqueiros, cazumbas, batuqueiros e o próprio boi de brinquedo, que deve ser recoberto com um manto de veludo bordado com canutilhos e miçangas, conhecido como "lombo" ou "couro". Nesse movimento, de par com o crescimento e organização do grupo, os brincantes passaram a buscar "resgatar" determinadas formas expressivas, julgadas mais "autênticas", na realização da brincadeira, que, de festa doméstica – "de fundo de quintal" – tornava-se celebração pública – na rua – de uma certa "maranhensidade".

Uma vez que os grupos de bumba-meu-boi do Maranhão executam ritmos e apresentam características muito diferentes, configurando diversos estilos ou "sotaques" associados a locais de origem e a tradições específicas, a preocupação maior dos brincantes de Lucas, nesse processo, era a de preservar as referências musicais e performáticas que caracterizam os

bois de Viana. A explicitação de elementos que pudessem ser reconhecidos como "autênticos da Baixada" no som, na dança e na indumentária dos personagens, constituía-se como estratégia de afirmação de uma identidade original frente às intensas trocas culturais que os brincantes experimentavam no Rio de Janeiro.

Era como se, fora do Maranhão, não bastasse aos brincantes serem vistos indiscriminadamente como maranhenses. Na busca de formas eficazes de reprodução e atualização dos códigos que lhes permitissem, ao mesmo tempo identificar-se e diferenciar-se como tais, o boi parecia oferecer-lhes terreno privilegiado para a demarcação do caráter especificamente vianense: "tanto é que desde o início, até hoje, o nosso sotaque a gente mantém. Já teve alguém com idéia de botar um sax ... Mas não. O nosso sotaque é aquele⁸. É o lance da autenticidade", afirma Orlando.

Pai Francisco, Mãe Catirina, São João e o Boi no Rio de Janeiro

Tá no sangue: São João, a festa...

Atualmente o Bumba-meu-boi Brilho de Lucas conta com cerca de cinquenta componentes, entre migrantes e seus descendentes cariocas, que se reúnem todos os anos para brincar, pelo menos em duas noites do período junino – quando o bumba-meu-boi é festejado no Maranhão, em homenagem aos santos Antônio, João, Pedro e Marçal –, e, vez ou outra, em eventos para os quais o grupo é convidado, como os festejos do Divino Espírito Santo realizados por maranhenses no Rio de Janeiro⁹. A brincadeira, outrora reunião despreziosa de parentes e amigos maranhenses, sem deixar de sê-lo, adquiriu também o caráter de

espetáculo para ser visto por grupos sociais que extrapolam o círculo mais restrito dos migrantes.

Na rua Joaquim Rodrigues, onde o boi tem sede, esposas dos brincantes maranhenses e vizinhos cariocas montam barraquinhas de comidas variadas – de cachorro quente a sarapatel –, bebidas e brincadeiras infantis – pescaria, cama elástica, piscina de bolas, etc. Nesse ambiente realizam-se então o que os responsáveis pelo grupo chamam de “apresentações”¹⁰. Trata-se de ocasiões especialmente planejadas para realização da brincadeira do boi, no formato que usualmente se pratica no Maranhão, o qual se compõe basicamente da execução musical de uma seqüência de toadas que aludem ao já referido mito do boi, acompanhada de coreografias específicas dos diferentes personagens. Não há, como na maior parte das “apresentações” que ocorrem nos próprios arraiais maranhenses, encenação dramática da história envolvendo Pai Francisco, Mãe Catirina e o boi, mas esses três elementos da trama mítica associada à “tradição” do bumba-meu-boi são frequentemente mencionados no decorrer da festa, como que a afirmar sua “autenticidade”. Orlando, um dos organizadores da brincadeira, informa que a “lenda” é contada por Zé Castro ao público durante os intervalos de todas as apresentações do grupo. Ao fazê-lo, o objetivo é esclarecer sobre a “história” do bumba-meu-boi.

Na verdade, as lendas se propagam de uma cidade pra outra, elas vão aumentando. A principal que a gente fala é a história do Pai Francisco com a Mãe Catirina numa fazenda. Ela grávida, com desejo de comer a língua de um boi, logo do boi mais bonito da fazenda, que era querido pelos vaqueiros e acima de tudo pelo patrão. E ela então tem esse desejo. O Pai Francisco pergunta se ela está maluca,

porque aquilo seria quase um suicídio pra eles. Mesmo assim, em função daquela crendice que se ele não fizesse, não matasse o boi pra ela comer a língua, o filho ia ter cara de boi, enfim... Ele resolve então seqüestrar o boi e naquele momento lá de matança ele é descoberto pelo capataz da fazenda. E o capataz o leva até o patrão, sob ameaça de matá-lo, se ele não desse um jeito de reaver o boi. Ele então reúne os pajés, os feiticeiros, os doutores do mato daquela época, que fazem todo o trabalho, e o boi então ganha vida. Essa é uma lenda, é uma das que mais se divulga. Lenda que a gente já conhece de lá de Viana, essa história se propaga por lá, basicamente no Estado do Maranhão.

No entanto, Luiz Castro, outro responsável pelo grupo, explica que a trama de Pai Francisco e Mãe Catirina, apesar de conhecida, não é dramatizada nas “apresentações” por não se tratar de um “boi de promessa”. Ou seja, como São João não está na origem do boizinho carioca, ao contrário de muitas brincadeiras que no Maranhão são criadas em função de promessas feitas ao santo, não há necessidade de encenação da “matança” ou “auto” de morte e vida do boi.

No Maranhão acredita-se que São João pode intervir nas mais diversas causas e, em prova de fé ou agradecimento, brincantes procuram reafirmar seus laços com ele por intermédio do boi. Não há, contudo, entre os migrantes de Lucas, devoção significativa a esse santo, embora o grupo preserve a prática comum dos bois da Baixada Maranhense de entoar ladainhas como o Bendito de São João, diante de um altar que lhe é devotado dentro da própria sede do boi: “eu mesmo tenho São João na minha casa. Mas é a minha mulher, que é carioca, que todo ano faz promessa pra São João. Ela todo ano leva as velas dela, acende lá no altar”, conta Luiz.

Também no plano das narrativas associadas à brincadeira procura-se guardar e assinalar a ligação simbólica entre o santo e o boi, conforme relato de Orlando:

Existe uma outra lenda que eu conheço que diz que São João tinha um bellissimo touro e ele empresta o boi pra São Pedro, pro aniversário dele. São Pedro, por sua vez, faz aquela bellissima festa com o boi de São João e empresta o boi pra São Marçal. Chega numa determinada parte da festa, a comida acaba. Então São Marçal vai, manda matar o boi de São João. Aí é aquela confusão só. Aí que São Marçal foi descobrir que o boi era de São João. E aí todo mundo reúne, e a cada ano as pessoas fazem um boi diferente pra que possa estar agradando a São João, mas ele não se satisfaz com isso. Essa é uma outra lenda, que eu conheci aqui no Rio, através de livros, de pesquisas...

Interessante é notar que, como boa parte dos brincantes maranhenses no Rio frequenta pouco a terra natal, são sobretudo cariocas participantes de circuitos locais de estudo e pesquisa sobre diferentes expressões populares – universitários, músicos, artistas plásticos – que atualizam e informam o Brilho de Lucas a respeito de temas caros ao “folclore maranhense”. Um intenso intercâmbio de informações e práticas culturais estabelece-se, então, entre migrantes e nativos que comungam um interesse particular em “preservar” e “reviver” certas expressões populares¹¹.

“Não só a turma de Santa Teresa, do grupo As Três Marias, como os Mariocas (grupo cultural formado por cariocas e maranhenses que vivem no Rio). A referência pra esses grupos, de bumba-meu-boi no Rio de Janeiro, é o nosso grupo. Eles viajam pro Maranhão, estão sempre atualizados, sabem do que acontece. A gente recebe sempre de braços abertos porque são pessoas que estão interessadas em

divulgar a nossa cultura. E a gente tem tido a oportunidade de estar com eles e os vídeos, as filmagens, que eles trazem do Maranhão. Eles foram parar na nossa cidade, ficaram hospedados num hotel próximo à nossa casa lá no Maranhão! Eles têm um intercâmbio constante com o pessoal do Maranhão, eles viajam pra lá, estão sempre viajando. E esses grupos têm sido fundamentais no crescimento do nosso grupo, com uma opinião, uma crítica construtiva. E eles têm sido, acima de tudo, incentivadores do nosso grupo. (Orlando Costa Silva)

Assim, no Bumba-meu-boi Brilho de Lucas cruzam-se hoje percursos de mão dupla que têm sido trilhados por maranhenses e cariocas entre o Rio de Janeiro e o Maranhão. Além de caminhos físicos, trata-se sobretudo de rotas de mediação cultural constituídas nos planos das narrativas e das performances, sobre as quais transitam símbolos que articulam e assinalam identidades. Nem maranhense nem carioca, mas um pouco dos dois, o boi revela-se um terreno fértil para a investigação das ações eminentemente simbólicas que dão sentido à vida de indivíduos e grupos específicos das sociedades mistas que se têm formado nas grandes cidades brasileiras, em função dos fenômenos da migração dos homens e de suas práticas culturais. Entre o Rio de Janeiro e Viana, no Maranhão, que Parada de Lucas atraia novos e curiosos olhares.

** Luciana Gonçalves de Carvalho é Doutoranda em Antropologia, Prof^a. Substituta da UFRJ e Pesquisadora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Ihan/Minc.*

NOTAS

1 - Desenvolvo aqui idéia de Cavalcanti (2000), sugerida em seu estudo sobre o boi-bumbá de Parintins, AM. Sobre narrativas populares envolvendo a figura do boi, ver coletânea de contos populares de Câmara Cascudo (2000a).

2 - Personagens mascarados característicos dos bois da Baixada Maranhense.

3 - Vide as inúmeras feiras que espalham produtos (culinários, agrícolas, artesanais, etc.) e divulgam expressões (musicais, dramáticas, literárias, etc.) tradicionais de vários estados do Nordeste brasileiro em cidades do Sudeste, bem como os diversos grupos folclóricos e parafolclóricos que atualizam e difundem tradições como o bumba-meu-boi, o maracatu, o tambor-de-crioula, as festas do Divino Espírito Santo, entre outras.

4 - O Boi Brilho da Noite, ligado ao Grupo Cupuaçu e sediado no Morro do Querosene, em São Paulo, tem sido objeto de estudo de antropólogos e etnomusicólogos nessa cidade (Bueno, 2001; Garcia, 2004). Sobre o Boi de seu Teodoro, em Brasília, há documentários produzidos em vídeo.

5 - Embora venha estudando práticas cômicas do boi no Maranhão há alguns anos para elaboração de minha tese de doutoramento em antropologia, apresento aqui apenas algumas idéias iniciais sobre o Boi Brilho de Lucas, que conheci recentemente quando intermediei a contratação de uma apresentação do grupo no Museu de Folclore Edison Carneiro, onde trabalho como pesquisadora. Para mais informações sobre os bois do Maranhão, ver Carvalho (2002).

6 - Sotaque é o termo com que no Maranhão se designam diferentes modalidades de realização das brincadeiras de boi, que variam quanto à musicalidade, ao elenco de personagens, às coreografias executadas, entre outros aspectos. Além do sotaque da Baixada, destacam-se outros quatro: de orquestra, da Ilha ou de matraca, de Guimarães ou de zabumba, e de Cururupu ou de costa-de-mão.

7 - O uso desse termo pelos brincantes maranhenses sugere a aproximação e o intercâmbio do boi com o contexto cultural do carnaval carioca, em que as fantasias desempenham um papel essencial (Cavalcanti, 1994).

8 - O "sotaque" do boi em que se brinca no Maranhão é uma fonte rica de elementos constitutivos de identidades específicas. Cada estilo tem seus diacríticos – local de origem, instrumentos e ritmos musicais, roupas, personagens, práticas orais – e preceitos próprios que servem de inspiração aos brincantes na demarcação de identidades e diferenças entre si. Assim, o "sotaque" do boi funciona ainda como um elemento poderoso de organização de relações sociais, inclusive de afinidade e rivalidade. Bois do mesmo "sotaque", por exemplo, costumam tratar-se como "contrários" e compor "toadas de pique" em que se hostilizam mutuamente em versos. Contam ainda os brincantes mais idosos do Maranhão que até as primeiras décadas do século 20, brincantes de grupos adversários se enfrentavam nas ruas com paus, ferros e outras armas, chegando alguns conflitos a terminar em morte.

9 - Os responsáveis pelo boi mencionam as festas do terreiro de Dona Antônia, em Nova Iguaçu, e da colônia maranhense, na Ilha do Governador.

10 - Vale notar uma distinção sutil, porém muito sugestiva, que no Maranhão se faz entre "apresentação" e "brincada". Ao mesmo tempo em que as fronteiras entre as duas modalidades de expressão se confundem sob o termo "brincadeira", aplicado indiscriminadamente a ambas, há um entendimento de que a "brincada" se realiza de forma mais espontânea, normalmente "em porta de casa" de algum brincante ou pagador de promessa, enquanto que as "apresentações", realizadas principalmente em locais públicos como os arraiais juninos, geralmente pressupõem um contrato firmado e o pagamento de cachês.

11 - O mesmo fenômeno é analisado por Garcia (2004) e Bueno (2001), no contexto do boi maranhense em São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO NETO, Américo
(1997) *Bumba-meu-boi no Maranhão*. São Luís: Alumar.
- BUENO, André
(2001) *Bumba-boi maranhense em São Paulo*. São Paulo: Nankin Editorial.
- CASCUDO, L.C.
(2000a) *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Ediouro.
- CASCUDO, L.C.
(2000b) *Contos Tradicionais do Brasil*. 14^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro.
- CARVALHO, Luciana G. de
(2002) "Bois do Maranhão, bois de São João". *Fé e festa: bumba-meu-boi do Maranhão*. Catálogo de exposição. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP.
- CAVALCANTI, Maria Laura V.C.
(1994) *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: FUNARTE; UFRJ.
- CAVALCANTI, Maria Laura V.C.
(2000) "O Boi-Bumbá de Parintins/ Amazonas: breve história e etnografia da festa". *História, Ciência e Saúde: Visões da Amazônia*. Volume VI. Suplemento especial. Rio de Janeiro: FioCruz.
- GARCIA, Marcus Vinicius C.
(2004) "Um espaço para respiração. A cultura popular e os modernos cidadãos". *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília: ICS – UnB.
- MARQUES, Ester
(1999) *Mídia e experiência estética na cultura popular. O caso do bumba-meu-boi*. São Luís: Imprensa Universitária.
- REIS, José Ribamar S. dos
(2000) *Bumba-meu-boi, o maior espetáculo popular do Maranhão*. 3.ed. São Luís: Lithograf.